

A LINGUAGEM DAS RELAÇÕES

Giuseppe De Santis

Na dor, o homem tem tendência a colocar-se em solidão. É só para atenuar seu sofrimento que ele se refugia em um espaço escuro de pessoas e sons. Em tal estado de ânimo, escutando ora o rumor que chega de fora, ora aquele que se faz dentro da casa, ele é conduzido por sua natural disposição a estabelecer profundas relações entre o mundo que o circunda, e que com aqueles chamados se manifesta, e o próprio eu sofredor. Bastará um vidro que se quebra ou a queda imprevista de um objeto para despertar nele subitamente toda uma terminologia de paralelos, de suspeitas, de exames de consciência, para lhe revelar abismos antes inconscientes. Não diversamente no sonho os nossos profundos contatos com as coisas, com os seres sonhados, assumem substância de símbolo, de terror, de alegria. Acontece a qualquer um que sonha que alguns dos seus próprios sofrimentos, em virtude das imagens projetadas pelo sonho, lhe sejam explicados mais facilmente pela fantasia do que pela realidade cotidiana.

Também as personagens do nosso cinema vivem todas na solidão, mas esta é uma solidão bem diversa, uma solidão que não tem nem mesmo o dom da intimidade com as coisas que toca, que a circundam, com as coisas que sonha.

Impossibilidade de estabelecer relações: uma solidão não repleta de ecos como aquela que todo homem desejaria para si, uma solidão, ao contrário, que parece um castigo, uma fatalidade que pesa sobre elas. Expiam a sua dor por não serem de carne e osso, por não partilharem de alguma substância poé-

Publicado no n° 132 da revista *Cinema*, 25 de dezembro de 1941.
Trad. Alex Calheiros e Pedro Heise.

tica com tal isolamento. E tudo a todas aproxima: uma fala do além, inconsistente, como fazem vários loucos entre si quando cada um conta a sua história, uma atitude mecânica como nas fotografias de grupo dos nossos avós entre amigos em que, na hora de bater a foto, cada um escolheu um lugar diferente para olhar. Pode-se separar cada indivíduo daquelas fotografias e isso não resultará de modo algum num fragmento de algo, mas num termo em si, princípio e fim.

Não gostaríamos de dizer com isso que as personagens do nosso cinema, uma separada da outra, a partir de fracos e banais contatos, poderiam ter uma fisionomia própria e acabada (seria já alguma coisa!), mas, de fato, que curiosa personalidade terão um dia aos olhos do historiador que pretender demorar-se no exame de suas psicologias e que magnífica retrospectão de época oferecerão!

Estão despidos de sentimentos, despidos de obsessões: agem num mundo no qual não é mais possível ver os horizontes, as fronteiras. Nunca projetados numa paisagem: às suas costas ou diante de seus olhos só restam cômodos frios, espaços desabitados.

Num mundo assim, não há lugar sequer para os objetos inanimados. Ausente a tragédia dos homens, vem então, muito implícita e perdoada, a ausência da tragédia das coisas que se encontra sobretudo em sua impossibilidade de se mover, de reagir, caso a mão do homem não as desloque. Assim elas próprias vivem, dia e noite, numa espera que não tem sequer o gozo da palavra.

Mas alguém dirá, que matéria extraordinária para um filme! E também eu digo, e diria, se um mundo assim fosse algo consciente no coração dos diretores, dos produtores. O cinema se mostra hoje e entre as artes sempre resultará como a mais suscetível de controlar-se, de se autocriticar. Demonstrem isso as várias e longas fases de preparação às quais o filme deve se submeter antes da realização.

Quando então os nossos diretores, os nossos produtores, os nossos atores, enfim, todos aqueles que contribuem para a preparação e para a criação de um filme, entenderão a mais elementar das substâncias humanas? O homem não habita o mundo como o bicho-da-seda, fechado no seu limitadíssimo casulo: é circundado pelos seus próprios companheiros, pelos animais, pelos jardins, pelas ruas, pelas montanhas, por um céu, um mar, pela

vida. E também aquilo que o homem guarda dentro de si, tudo foi subtraído dos seus elementos, tomado dos seus contatos, das suas relações, do seu modo próprio de estar em comunhão com os outros, da planta que cresce na sua horta ao homem que, passando pela rua perto dele, o toca e assim ainda lhe comunica algo.

Não estamos dizendo coisas novas! Mas então, por que se faz de conta que elas não existem? Ou somos apenas nós que nos perturbamos com aquela solidão a que antes se aludia?

Gostaríamos de criar um Instituto da Consolação para almas sós, gostaríamos que em todo filme nossos atores fossem acompanhados por um enfermeiro como o aleijado por seu companheiro de viagem: a sua tarefa deveria ser a de lhes recordar a presença dos outros homens. Gostaríamos que fossem se construindo atrás de tais personagens – homens de grande fantasia – outras cenas para cada cena mudada, onde em cada particular estivesse presente o sinal do homem que as habita; gostaríamos que até o homem, que no pano de fundo desponta do beco, tivesse a sua importância, tivesse a sua tragédia, porque é impossível que não a tenha; gostaríamos que justamente ele, e sobretudo ele, não resultasse num simples elemento decorativo, mas partisse de uma necessidade humana de criar o humano, de criar a relação. Gostaríamos que o ator principal não fosse mais centralizador como significado espiritual do que o ator secundário; gostaríamos, enfim, que todos os particulares da cena fossem essenciais: do copo à cadeira, do homem ao animal.

Talvez assim conseguíssemos pouco a pouco, reanimar, aquecer a solidão daquelas personagens, daqueles quartos frios, daqueles espaços desabitados. Talvez, conseguíssemos, pouco a pouco, devolver a todos uma consciência, reencontrar o antigo laço entre os homens e a natureza: o amor e o ódio que aqueles dariam a ela ou a si mesmos, a paz ou o terror que esta daria àqueles.

Não existe povo cujos interesses espirituais são assim tão prementes quanto o nosso. Um cinema “coral”, portanto, que vá *pari passu* com os problemas, as aspirações do nosso espírito: seja ele a impiedosa crítica de um mundo gordo e burguês, seja ele um mundo no qual a solidão e as opressões deturpam e viciam o homem. Do lado de cá, destas necessidades urgentes, destas necessidades de relações humanas, está e estará sempre a fria e desoladora miséria dos ineptos e dos superficiais.

—
DE SANTIS, Giuseppe. “A linguagem das relações”.
Negativo, Brasília, v.1, N.1, 2013.